

INTERVENÇÕES PARA REDUÇÃO DO PRECONCEITO RACIAL NA ESCOLA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

INTERVENTIONS TO REDUCE RACIAL PREJUDICE AT SCHOOL: A SYSTEMATIC REVIEW READING

INTERVENCIONES PARA REDUCIR EL PREJUICIO RACIAL EM LA ESCUELA: UMA REVISIÓN SISTEMÁTICA

Joana dos Santos¹ e Dalila Xavier de França²

¹Universidade Federal de Sergipe, Aracaju/SE, Brasil

²Universidade Federal de Sergipe, Aracaju/SE, Brasil

RESUMO: Nos últimos vinte anos, na literatura em Psicologia Social, no Brasil, observam-se poucas produções sobre ações para reduzir o preconceito e, especificamente, sobre socialização étnico-racial, na escola. Assim, o presente estudo analisa, a partir de estudos já publicados nacional e internacionalmente, nos últimos dez anos, quais intervenções têm sido realizadas, nas escolas, a fim de diminuir o preconceito racial e averiguar se há eficácia efetiva das propostas de intervenção. Para tal, optou-se pela revisão sistemática da literatura, de modo a encontrar o maior número possível de trabalhos e apresentá-los de maneira organizada. Os resultados apresentaram pelo menos três níveis de respostas para redução de preconceito: 1) estudos que testam a teoria do contato de Allport; 2) Educação Multicultural; e 3) estudos brasileiros que avaliam intervenções já existentes nos currículos escolares. Um importante resultado desta revisão diz respeito à pouca publicação de estudos sobre intervenções no Brasil, sendo a totalidade dos artigos da área da educação. Estes achados sugerem a necessidade de que a Psicologia Social brasileira comece a se mobilizar no sentido de construir métodos e instrumentos interventivos para redução do preconceito.

PALAVRAS-CHAVE: Socialização étnica; Intervenção; Racismo; Escola

ABSTRACT: In the literature of Social Psychology on prejudice in Brazil in the last twenty years, there is little production on actions to reduce prejudice, and specifically, on ethnic-racial socialization at school. Thus, the present study analyzes, from studies already published, which interventions have been carried out in schools in order to reduce racial prejudice, in Brazil and in the world, in the last ten years, and to investigate whether they measure the effectiveness of intervention proposals. To this end, we opted for a systematic literature review, in order to find the largest possible number of works and present them in an organized manner. The results showed at least three levels of responses to reduce prejudice: 1) studies that test Allport's contact theory; 2) Multicultural education; and 3) Brazilian studies that evaluate interventions that already exist in school curricula. Na important result of this review concerns the little publication of studies on interventions in Brazil, with the totality of articles in the area of education. These findings suggest the need for Brazilian Social Psychology to start mobilizing itself in order to build intervention methods and instruments to reduce prejudice.

KEYWORDS: Ethnic socialization; Intervention; Racism; School

INTRODUÇÃO

Uma recente revisão de estudos sobre os efeitos do racismo, na trajetória escolar de crianças brasileiras, realizada por Moreira-Primo e França (2020a), evidenciou uma série de impactos que o racismo causa nas crianças negras no contexto escolar. Os autores verificaram que os principais efeitos do racismo nessas crianças culminam na construção negativa de sua identidade étnico-racial; na baixa autoestima; na tristeza; na exclusão e no fracasso escolar, entre outros. Os resultados apontam, ainda, que a escola, especialmente pelas atitudes dos professores, tem um papel na transmissão do racismo, que se expressa em demonstração de carinho, aproximações, gestos, avaliações e no tratamento dado às crianças negras. Em um segundo estudo, empírico, Moreira-Primo e França (2020b) entrevistaram 10 crianças negras, de 6 a 11 anos, sobre experiências de racismo que ocorreram contra elas no contexto escolar. As crianças mencionam situações de exclusão, rejeição e discriminações verbais e físicas, e verbalizaram sentimentos de tristeza, medo, raiva e vergonha, ao recordarem o que sentiram quando foram vítimas de racismo, revelando que

essas vivências impactam negativamente o bem-estar emocional e psicológicos das crianças negras.

A literatura em psicologia social aponta para a recente teorização sobre preconceito racial (que se deu apenas a partir dos anos 1990), no Brasil, mas pouco se reuniu sobre ações que visassem reduzir o preconceito racial dentro deste campo; ainda menor são as produções sobre socialização na escola. Assim, este trabalho nos ajudará a compreender o cenário de pesquisas interessadas na socialização étnico-racial na escola como meio prático para reduzir o preconceito. Para tal, optou-se em realizar uma revisão sistemática da literatura, por ser um método que permite maximizar o potencial de uma busca, encontrando o maior número possível de resultados de uma maneira organizada (COSTA; POLTOWSKI, 2014). Inicialmente, apresentaremos os principais conceitos dos termos envolvidos na análise e discussão deste trabalho e, em seguida, apresenta-se o estudo de revisão.

Preconceito e Racismo

Os estudos sobre preconceito foram iniciados com Gordon Allport (1954), na sua obra pioneira sobre a natureza do preconceito, na qual apresentou as linhas basilares para a análise do fenômeno. Allport é uma referência fundamental para os estudos sobre preconceito que são desenvolvidos até os dias atuais. Allport (1954) definiu o preconceito como uma atitude negativa em relação a um indivíduo, baseada na crença de que ele possui as características negativas, que são atribuídas a um grupo socialmente desvalorizado.

A partir dessa definição, podemos inferir que existem inúmeros grupos desvalorizados (negros, mulheres, homossexuais, idosos etc.) e que existem, portanto, vários tipos de preconceito. Entretanto, Lima (2020) aponta alguns elementos que são comuns a todas as formas de preconceito: 1) a ênfase na hierarquização das diferenças em grupos (nós somos melhores que eles); 2) os sentimentos de antipatia contra alguém, simplesmente porque pertence a determinado grupo; 3) a uniformização ou homogeneização dos membros do grupo (eles são todos iguais); 4) uma resistência social e cognitiva à desconfirmção das crenças e expectativas negativas em relação a esse grupo, mesmo quando as evidências favoráveis ao grupo são fortes.

Dentre as várias formas de preconceito, Allport aprofundou principalmente os estudos sobre o preconceito étnico. O preconceito étnico atinge grupos formados em função de características fenotípicas, por exemplo, cor da pele, cabelo, formato do nariz. O autor definiu o preconceito étnico como uma antipatia fundamentada numa generalização falha e inflexível, que pode ser sentida ou expressa, direcionada a um grupo como um todo ou a um indivíduo porque ele faz parte daquele grupo (ALLPORT, 1954).

Podemos dizer que o preconceito e racismo são fenômenos análogos? Não. A literatura aponta que o racismo difere do preconceito por uma série de características; por exemplo, enquanto o racismo se baseia numa crença de que existem diferenças biológicas entre os grupos, o preconceito não sugere essa naturalização das diferenças. O racismo também pode ser definido

como uma configuração multidimensional e tendenciosa que se articula com crenças, emoções e orientações comportamentais de discriminação direcionadas a indivíduos membros de um exogrupo, categorizado e objetivado a partir da cor, sendo aquelas reações suscitadas pela simples pertença desses indivíduos a esse exogrupo (VALA; BRITO; LOPES, 2015). Cognitivamente falando, o preconceito é uma forte generalização de atributos ostensivamente pertencentes a um indivíduo ou grupo; o termo "preconceito" denota com mais precisão julgamento a priori, injustificado, que é geralmente, mas não necessariamente, negativo (HUGHES, 2014). Outro ponto em que racismo e preconceito diferem diz respeito ao fato de que o racismo também existe no nível das instituições e da cultura (JONES, 1972), isto é, o racismo não opera apenas nas relações interpessoais, mas atravessa as principais instituições sociais (família, igreja, escola, mídia etc.), assim como há culturas que são valorizadas enquanto outras são inferiorizadas, decorrente da ideia de que os grupos humanos, construídos a partir de padrões culturais, constituem entidades igualmente naturais (VALA; BRITO; LOPES, 2015).

Complementar à visão de Jones (1972) e diferenciando racismo de preconceito, Lima (2020) diz que o racismo reúne os processos de discriminação e de exclusão social, enquanto o preconceito fica no campo das atitudes. O racismo é muito mais do que uma atitude, e é definido como:

Processo de hierarquização, exclusão e discriminação contra um indivíduo ou toda uma categoria social que é definida como diferente com base em alguma marca física externa (real ou imaginada), a qual é ressignificada em termos de uma marca cultural interna que define padrões de comportamento. Por exemplo, a cor da pele sendo negra (marca física externa) pode implicar na percepção do sujeito (indivíduo ou grupo) como preguiçoso, agressivo e alegre (marca cultural interna) (Lima; Vala, 2004, p. 402).

Ainda que a problemática possua grande relevância social, o preconceito e o racismo quase sempre são atribuídos ao outro, distanciando/isentando cada um de nós do fenômeno (LIMA; VALA, 2004). Este fato convoca toda a sociedade a se responsabilizar e contribuir no combate ao racismo e ao preconceito étnico, bem como convoca os estudiosos e pesquisadores a investigarem ainda mais estes fenômenos, compreendendo não apenas as suas origens, mas também as suas expressões, seus impactos e possíveis estratégias de combate.

Expressões do Racismo no Brasil

Até a metade da década de 1950, o Brasil era visto como um paraíso racial, uma terra onde as relações entre negros e brancos eram harmoniosas e distantes da discriminação por raça e cor, onde todos conviviam pacificamente. Essa visão de mundo ganhou forma principalmente no início dos anos 1930 com o antropólogo Gilberto Freyre e seus seguidores (SILVA E TOBIAS, 2016).

Para Fernandes (1965), esse mito teria uma utilidade prática ao generalizar um estado de espírito que permitia atribuir a incapacidade ou a irresponsabilidade do próprio negro às dificuldades vividas por ele. Segundo Fernandes, isso isentaria o branco de qualquer obrigação, responsabilidade ou solidariedade moral perante os efeitos da espoliação abolicionista e da

deterioração progressiva da situação socioeconômica do negro e do mulato. Para Silva e Tobias (2016), o mito da democracia racial também revitalizou a ideia de avaliar as relações raciais pela aparente ausência de conflitos raciais, gerando uma falsa consciência (impressão) da realidade racial brasileira. Apesar de combatida e desmentida em uma série de estudos patrocinados pela UNESCO (SILVA; TOBIAS, 2016), esta falácia de igualdade entre as raças ainda vigora no imaginário de grande parte dos brasileiros e dificulta o combate às desigualdades sociais resultantes do racismo e, na maioria das vezes, invalida ou desqualifica a luta antirracista.

Aliado a esta imagem falaciosa de igualdade entre as raças no Brasil, a 2ª Guerra mundial, que chocou o mundo e trouxe com seu fim uma série de mudanças importantes, como o nascimento dos movimentos pelos direitos civis nos EUA; os movimentos de libertação de antigas colônias europeias; as consequências devastadoras do nazismo e a Declaração dos Direitos Humanos, transformou a forma como o preconceito passou a ser expresso (LIMA; VALA, 2004; CABECINHAS, 2007; VRIJDAGS; FERNANDES, 2017), uma vez que o mundo estava interessado em uma sociedade mais justa, igualitária e democrática. Formas diretas de preconceito passaram a ser socialmente indesejadas. Assim, o racismo aberto e ativo foi sendo substituído, gradativamente, por formas menos flagrantes de discriminação, que não violem a norma social de reprovação do racismo (VRIJDAGS; FERNANDES, 2017). Desta forma, com o estabelecimento da norma social mais a criação de uma série de leis que proibiam a discriminação, os grupos majoritários passaram a criar novas estratégias ideológicas que perpetuam as práticas discriminatórias não mais de forma aberta, mas de forma mais sutil.

O racismo passa então a ser expresso nas estratégias que os grupos dominantes encontraram para driblar as normas antirracistas (PEREIRA; TORRES; ALMEIDA, 2003). O que acontece no Brasil (e em outras partes do mundo) é uma forma moderna de racismo, que não é uma aversão descaradamente direcionada a determinado grupo, mas por sua vez "toma a forma de "Eu não desgosto todos os negros, apenas aqueles que agem 'como preto'" ou "Eu não desgosto todos os latinos, apenas aqueles que se recusam a aprender Inglês" parece ter um foco étnico ou cultural, ao invés de foco racial, por si" (QUINTANA, 2007 p. 216).

Mesmo com o avanço em termos de direitos humanos e de estratégias de resolução dos conflitos intergrupais, desenvolvidos no pós-guerra, principalmente pela Psicologia Social, o preconceito e o racismo ainda permanecem sendo questões atuais (LIMA; VALA, 2004). O mito da democracia racial provocou e ainda provoca, no cotidiano dos brasileiros e na produção científica nacional, um impacto considerável. Enquanto na Índia e nos Estados Unidos existem políticas de ação afirmativa, desde 1950, no Brasil, somente a partir do ano de 1990, houve reconhecimento da existência do racismo, por parte do Governo Federal, e medidas como cotas raciais para ingresso no ensino superior e em concursos públicos começaram a ser implementadas (LIMA, 2011).

A produção psicológica nacional parece ter compactuado com esse desinteresse pela temática do preconceito. Praticamente, não se encontram trabalhos realizados pela psicologia brasileira sobre o tema até o início da década de 1990. Nenhum dos raros manuais de psicologia social, produzidos no Brasil até os anos 1990, tem um capítulo sobre preconceito ou estereótipo. A

partir de 1990, a psicologia social nacional começa timidamente a pesquisar o preconceito (LIMA, 2011).

Racismo na Infância: a escola como ambiente central de socialização do preconceito

Até a primeira década dos anos 2000, a análise das formas mais sutis e indiretas de expressão do racismo e do preconceito, nos adultos, já contava com um amplo corpo teórico e metodológico dentro da psicologia social. Estudos mostram que as crianças expressam racismo de forma velada, sutil ou indireta, em contextos em que é possível justificar a discriminação (FRANÇA; MONTEIRO, 2004). Entretanto, as autoras apontaram para uma carência de estudos que analisem as formas mais sutis e indiretas de racismo na infância.

Vrijdags e Fernandes (2017) afirmam que a carência de estudos brasileiros, que investigam o preconceito em crianças, pode ser explicada pela ampla difusão na literatura da abordagem cognitiva do desenvolvimento (ver ABOUD, 1988), que coloca o preconceito em crianças como uma limitação de suas capacidades cognitivas, ainda em desenvolvimento, sem considerar que seja resultado da interiorização das normas sociais antipreconceito.

Neste mesmo sentido, França e Monteiro (2004) trazem que a abordagem cognitiva do desenvolvimento não explicaria por que, mesmo já tendo adquirido o amadurecimento cognitivo, as pessoas, na fase adulta, ainda permanecem expressando preconceito. Em estudos realizados em 2004 e 2013, as autoras postularam que, ao contrário do que se acreditava até então, as crianças mais velhas não deixam de expressar preconceito, mas, por conta da interiorização das normas sociais dos adultos, passam a expressar o preconceito de forma mais sutis, indiretas ou veladas. Não é que a criança deixa de ser preconceituosa. O que acontece é a internalização e a aprendizagem de normas sociais antirracistas que desaprovam formas explícitas de preconceito na maioria das sociedades. Assim, uma vez que se percebeu que o preconceito se desenvolveu em uma idade muito jovem, em crianças, psicólogos e educadores aumentaram seus esforços para examinar seu desenvolvimento e possível redução (ABOUD et. al, 2012).

A escola é um ambiente privilegiado de socialização com grande potencial para quebrar o ciclo do preconceito e do racismo (GOMES, 2002), principalmente, quando se entende que o acesso à informação, sobre a diversidade de culturas, desvinculada do juízo de valor, dos padrões eurocêntricos e dos estereótipos rompe com a lógica que sustenta o racismo (HUGHES, 2006) – a de que existem povos, culturas e raças que são superiores.

A educação tem papel central no ciclo que limita a plena cidadania do negro, pois, além de oferecer aos indivíduos a formação necessária para que busque seu sustento e subsistência na sociedade, esta instituição influencia os valores; constrói e transforma as representações e a identidade; transmite e reproduz conhecimentos e cultura. Sendo assim, a cultura de discriminação pode encontrar, na escola, um reforçador ou uma barreira verdadeiramente forte (FEITOSA, 2012).

Ainda operando sobre a lógica racista, como é possível observar em uma série de estudos (GOMES, 2002; COELHO; COELHO, 2006; FEITOSA, 2012; MOREIRA-PRIMO; FRANÇA, 2020a; SANTOS; FRANÇA; MOREIRA-PRIMO 2020), as crianças negras se encontram muito vulneráveis ao fracasso escolar e são negativamente representadas pelos professores, que não se sentem preparados para falar e não falam de raça e etnia. Há um silêncio na comunidade escolar que impede o reconhecimento do racismo e que implica no não tratamento da questão de forma efetiva.

Intervenções para redução do preconceito

Em grande parte das sociedades ocidentais, as relações entre membros de maiorias étnicas e membros de minorias étnicas receberam ampla atenção, tanto na arena da política social quanto em pesquisa acadêmica. Os governos são frequentemente confrontados com a tarefa de reduzir tensões e conflitos entre vários grupos e responderam a esse desafio com uma variedade de iniciativas políticas (BINDER, et. al. 2009).

Essas iniciativas são principalmente voltadas para escola, uma vez que, na escola, as diferenças se encontram e há expectativa de que um sistema educacional bem-sucedido forme sujeitos mais igualitários, capazes de conviver pacífica e respeitosamente com as diferenças (GOMES, 2002). Deste modo, à medida que cresce a cobrança para que as comunidades e as escolas se tornem mais inclusivas socialmente, as crianças têm mais oportunidades de fazer amizade com pessoas de diferentes origens étnicas. Educadores e formuladores de políticas estão aprendendo com as experiências passadas, à medida que elaboram programas para prevenir ou reduzir o preconceito e a discriminação (ABOUD, 2012).

Para examinar estudos que avaliaram os efeitos de intervenções destinadas a reduzir o preconceito étnico e a discriminação em crianças pequenas, Aboud (2012) fez uma revisão sistemática semelhante a esta. A autora fez uma busca em artigos publicados entre 1980 e 2010. Entre seus achados Aboud (2012) identifica pelo menos duas vertentes principais nas quais se baseiam as intervenções para redução do preconceito: uma delas é a teoria do contato desenvolvida por Allport (1954), que descreve condições específicas sob as quais o contato intergrupar reduz o preconceito, como status igual e apoio de autoridade; e as teorias alternativas da redução do preconceito, que se concentram na exposição direta a informações, que mudam a forma como as pessoas pensam e sentem sobre outros grupos. Nesse caso, o contexto é intencionalmente manipulado, por exemplo, pela mídia e pela instrução.

No caso destas intervenções, realizadas por meio da exposição a informações sobre o exogrupo¹, Aboud (2012) refere que as mensagens não são apenas associadas ao respeito, mas inibem generalizações negativas (o preconceito), que podem ser exemplificadas pela exposição a formas inclusivas de organizar uma classe de alunos ou pensar sobre as múltiplas formas de classificar as pessoas; pela inquietação com a experiência da discriminação ou pela injustiça sofrida

¹ Exogrupo é oposto a endogrupo, para uma pessoa branca exogrupo é o grupo de pessoas negras.

por determinados grupos. Além de informações contrárias ao preconceito, pode haver treinamento em habilidades para enfrentar o preconceito e as emoções negativas. Os processos psicológicos almejados são semelhantes àqueles que se espera que mudem como resultado do contato, mas a estratégia é a comunicação.

É fundamental a compreensão de que a teoria e a pesquisa em intervenções, para redução do preconceito, é um trabalho particularmente importante para psicólogos, pelo seu interesse em promover mudanças positiva de longa data (QUINTANA, 2007). Partindo do princípio de que o profissional de psicologia tem reivindicado seu espaço de atuação dentro da escola, esta revisão nasce para apreender o cenário de programas interventivos para redução do preconceito racial, idealizados e/ou realizados por psicólogos para o contexto educacional.

Esta revisão sistemática procura analisar intervenções para redução do preconceito racial, realizadas nas escolas, suas bases teóricas, metodologias e os executores.

OBJETIVOS

Geral

Identificar quais intervenções vêm sendo realizadas nas escolas para diminuir o preconceito racial, em nível nacional e internacional, nos últimos dez anos (2009-2019).

Específicos

- ✓ Verificar se as intervenções são fundamentas em teorias e em quais teorias os estudos são fundamentados;
- ✓ Observar quais as metodologias adotadas nas intervenções;
- ✓ Identificar os atores das intervenções (quem realiza as atividades)

METODOLOGIA

Foi realizada uma revisão sistemática da literatura, por meio de um levantamento em artigos científicos publicados em: Journal of Personality and Social Psychology, European Journal of Social Psychology, Scielo e PsycINFO. A designação dessas bases de dados tem como objetivo apreender o cenário de estudos realizados principalmente no campo da psicologia, no Brasil e em outras partes do mundo. A consulta foi realizada no mês de junho de 2019, a partir dos descritores 'redução do preconceito em escolas', 'combate ao preconceito étnico', 'intervenção intergrupl em escolas' e 'educação multicultural'.

O recorte temporal das publicações dos artigos foi determinado com o intuito de encontrar dados mais recentes referentes aos objetivos desta revisão.

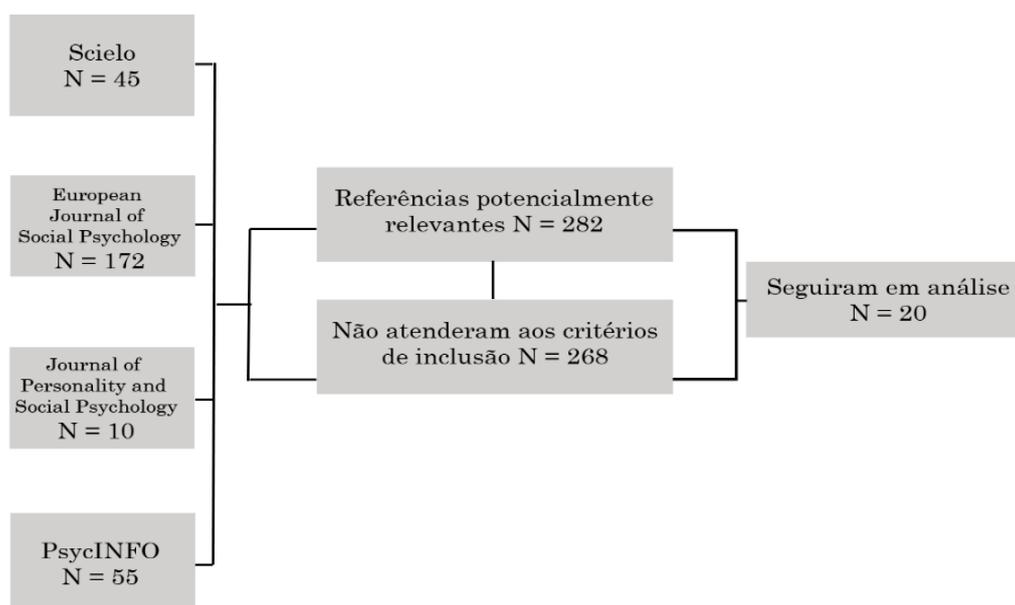
Critérios de Inclusão e Exclusão

Para fazer um filtro nos resultados das buscas, uma vez que é inevitável que apareçam artigos que não se enquadram nos objetivos, os artigos potencialmente relevantes serão selecionados a partir de critérios de inclusão e exclusão, aqui definidos: (a) o estudo ser empírico e interventivo; (b) abordar o Preconceito Racial/Étnico e discriminação como variáveis dependentes; e (c) ser realizado com crianças em idade escolar.

Triagem de dados

Os dados que emergiram das buscas foram inseridos em uma planilha contendo: título, autor, ano de publicação, quem executou a intervenção (escola, professor, psicólogo) e se era de natureza empírica, teórica ou interventiva (Quadro 1). Conforme ilustrado na figura 1, a busca inicial gerou 282 estudos. Todos os resumos foram lidos e avaliados, segundo os critérios de inclusão e exclusão. Depois de realizada a leitura, 20 artigos se mostraram relevantes para a revisão e seguiram para uma análise mais detalhada.

Figura 1: fluxograma da seleção inicial dos estudos.



Dos 20, doze foram excluídos porque: não tratavam de preconceito intergrupal (3); não eram uma intervenção (2); foram realizados com universitários e/ou adultos (7). Dois estudos que não apareceram nas buscas, mas eram de conhecida existência, foram adicionados aos dados. Logo, os 8 + 2 foram resumidos para descrever informações relevantes. Assim, 10 estudos compõem esta revisão (ver Quadro 1).

Quadro 1: estudos incluídos no banco final.

■ Artigos testando a teoria do contato

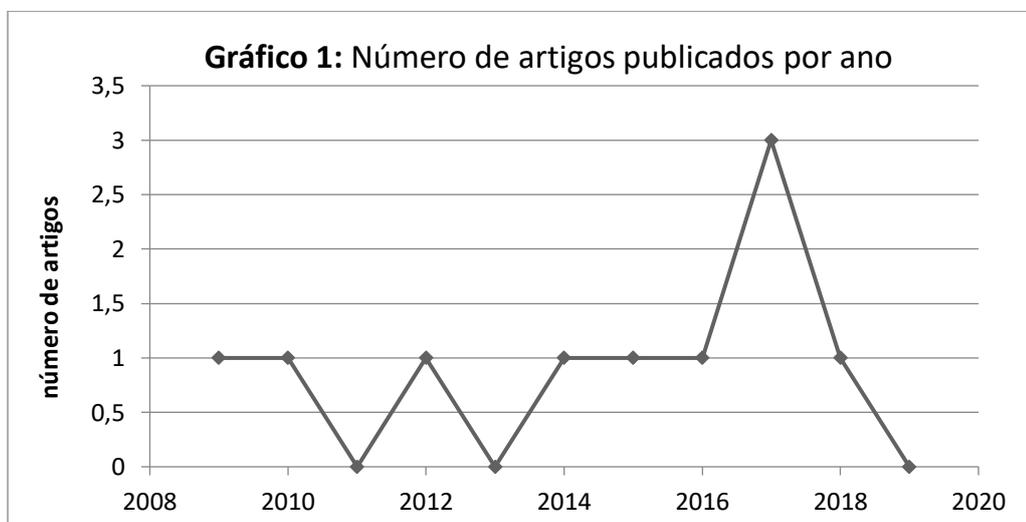
□ Artigos sobre educação multicultural

TÍTULO	AUTORES	ANO	EXECUÇÃO	NATUREZA
O contato entre grupos afeta a personalidade? Um estudo longitudinal sobre a relação bidirecional entre contatos intergrupos e traços de personalidade.	Vezzali, Turner, Capozza & Trifiletti	2017	Pesquisador em psicologia	Empírico
Derrubando uma barreira: aumentar o conhecimento percebido do outgroup reduz expectativas negativas sobre interações entre grupos.	Aydogan & Gonsalkorale	2015	Pesquisador em psicologia	Empírico
Com uma pequena ajuda dos nossos amigos: o impacto da amizade inter-racial nas preferências de aculturação.	Hässler, Gonzalez, Lay, Lickel, Zagefka, Tropp, Brown, Astudillo & Bernardino	2017	Pesquisador em psicologia	Empírico
O impacto dos programas de intercâmbio na integração do grupo de acolhimento no autoconceito.	Sassenberg & Matschke	2010	Pesquisador em psicologia	Empírico
Contato reduz o preconceito ou o preconceito reduz o contato? Um teste longitudinal da hipótese do contato entre grupos majoritários e minoritários em três países europeus.	Binder, Zagefka, Holloway, Brown, Funke, Kessler & Mummendey	2019	Pesquisador em psicologia	Empírico
Complexidade da identidade social, amizades interétnicas e atitudes intergrupais nas escolas.	Knifsend & Juvonen	2014	Pesquisador em psicologia	Empírico
Avaliação trimestral de uma intervenção usando livros de histórias de amigos de várias raças para reduzir o preconceito entre crianças de raça majoritária.	Johnson & Aboud	2017	Pesquisador em psicologia	Interventivo
Ensino culturalmente responsivo e expectativas de professores para alunos latinos em escola secundária.	Garcia & Chun	2016	Pesquisador em psicologia	Empírico

Igual, mas diferente: efeitos da igualdade/inclusão e do pluralismo cultural sobre resultados intergrupais em salas de aula multiétnicas.	Schwarzenthal, Schachner, Van de Vijver, Juang	2018	Pesquisador em psicologia	Empírico
Experiências multiculturais reduz o viés intergrupais através do descongelamento epistêmico.	Tadmor, Hong, Chao, Wiruchnipawan & Wang	2012	Pesquisador em psicologia	Empírico

Considerando a excelente revisão sistemática sobre programas de intervenção para redução do preconceito, publicada por Aboud et.al (2012), em que artigos publicados entre 1980 e 2010 foram incluídos, esta revisão focou em estudos realizados na última década (2009-2019), a fim de conseguir um panorama atualizado desses programas.

No gráfico 1, é possível visualizar, de acordo com os dados da presente revisão, a frequência de publicações realizadas desde 2009 sobre intervenções realizadas, na escola, para redução do preconceito racial.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados apresentaram pelo menos três níveis de respostas para redução de preconceito: 1) estudos que testam a teoria do contato de Allport (1954); 2) Educação Multicultural; e 3) estudos brasileiros que avaliam intervenções já existentes nos currículos escolares. Apesar do objetivo de a revisão sistemática ser, a princípio, apreender as formas como a Psicologia Social, tem sido aplicada para combater o preconceito racial na escola, de forma geral, os estudos localizados não são intervenções no campo; são estudos que fornecem fundamentação teórica para a promoção de atividades, no nível do contato intergrupais ou da educação multicultural, para reduzir o preconceito. Esses estudos são resumidos e discutidos nas sessões que se seguem.

Testando a teoria do contato para redução do preconceito

A maior parte dos artigos (N=6), que emergiram das buscas, são estudos empíricos que testam a teoria do contato de Allport (1954); diferenciam-se pelo acréscimo de uma nova variável, como recurso, para combater o preconceito racial. Um estudo (Aboud, 2017) foi classificado como programa interventivo proposto pelo pesquisador do campo da psicologia.

Vezzali, Turner, Capozza e Trifiletti (2017) realizaram um estudo longitudinal com o objetivo de testar a relação bidirecional entre contato intergrupos e traços de personalidade. Os participantes eram italianos (maioria) e imigrantes (minorias), estudantes matriculados no primeiro ano do ensino médio. Foram medidas: a quantidade de contato (perguntando aos participantes sobre a quantidade de contato com o grupo externo em geral, em casa, na escola); a qualidade do contato (avaliando, por exemplo, se o contato era competitivo/cooperativo e hostil/amigável) e os fatores de personalidade (mediu-se a amabilidade, abertura para experiência e extroversão). Seus achados dizem que traços de personalidade (afabilidade e abertura à experiência) foram longitudinalmente relacionados com a positividade do contato. O estudo mostrou mudanças nos traços de personalidade como resultado do contato entre grupos dentro de uma escola, em um ano, em contraste com a maioria dos outros estudos que examinam impacto dos fatores ambientais, na personalidade em jovens, e que consideram mudanças ao longo de vários anos.

Aydogan e Gonsalkorale (2015) examinaram se, ao aumentar as avaliações dos australianos sobre seus conhecimentos a respeito dos muçulmanos, são reduzidas suas expectativas negativas sobre uma interação futura (ostensiva) com um australiano-muçulmano. Os autores utilizaram Escala de Ansiedade para Interação Social (SIAS), manipularam o feedback e, por fim, realizaram uma avaliação de demanda, recursos e ameaças. Como resultado, os autores encontraram que, ao aumentar o conhecimento percebido do outgroup, reduziram-se as avaliações de demanda associadas a interações intergrupais. O aumento do conhecimento percebido do outgroup também reduziu expectativas negativas associadas a interações intergrupais. Especificamente, reduziu a expectativa de ansiedade e avaliação da ameaça, como previsto. Além disso, surpreendentemente, participantes relataram menor desejo de evitar interação quando o parceiro era um membro fora do grupo do que um membro do grupo. Análises de acompanhamento revelam que isso foi por causa da esperada informatividade da interação, sendo maior com um Muçulmano do que com um parceiro Anglo-australiano.

Como previsto, os anglo-australianos, que receberam feedback positivo sobre o conhecimento acerca dos muçulmanos, tinham menor avaliação de ameaça e se sentiam menos ansiosos durante a interação intergrupo em comparação com aqueles que estavam na condição de controle. Isso fornece suporte para o papel precursor do conhecimento que o exogupo pode ter como um recurso de uma interação intergrupar de sucesso.

Hässler, Gonzalez, Lay, Lickel, Zagefka, Tropp, Brown, Astudillo e Bernardino (2018) realizaram um estudo longitudinal que analisou como a similaridade do grupo percebido e a confiança no outgroup mediam os efeitos da amizade entre grupos em preferências de aculturação

(manutenção da cultura e adoção cultural) da sociedade receptora. O estudo mostrou que a amizade entre grupos influencia a preferência de aculturação. Em particular, quanto melhor a qualidade da amizade que os estudantes chilenos estabelecem com imigrantes peruanos na escola, mais eles querem que peruanos mantenham sua cultura patrimonial (parcialmente mediada via confiança no outgroup). Além disso, os estudantes chilenos também querem que os migrantes peruanos adotem a cultura chilena (mediada via similaridade percebida). A descoberta de que o contato entre grupos leva os membros do grupo da sociedade receptora a apoiar a adoção cultural e manutenção cultural é outro resultado positivo do contato intergrupo, além das mudanças nas atitudes gerais dos grupos: ter um amigo peruano afetou tanto a vontade de permitir que peruanos mantenham sua cultura patrimonial, como o desejo de ver os peruanos adotarem a cultura chilena (desejo para a integração peruana na sociedade chilena).

Sassenberg e Matschke (2010), em dois estudos, analisaram o impacto de programas de intercâmbio internacional no desenvolvimento da identidade dos alunos. O estudo 1 focou no impacto na identificação social, empenho e autoestereotipagem em relação ao grupo de acolhimento e comparou antigos e futuros intercambistas. Estudo 2 replicou o Estudo 1 com duas alterações: a associação do eu com características do grupo não foi avaliada via autoestereotipagem, mas usando a inclusão do grupo no autoconceito (SMITH; HENRY, 1996), e um grupo de controle, sem experiência de intercâmbio ou planos para participar de um, foi adicionado ao projeto para ser capaz de testar não apenas os efeitos de um ano de intercâmbio, mas também as diferenças entre aqueles que participariam de um programa de intercâmbio e aqueles que não estivessem interessados em participar.

O estudo 1 fornece a primeira evidência de mudanças no autoconceito resultante de um ano de troca, isto é, ex-intercambistas identificaram-se mais com o grupo de acolhimento e mostraram maior nível de comprometimento para esse grupo (comparado a futuros intercambistas).

Estudo 2 descobriu que, após uma troca, a identificação e o compromisso social são mais fortes do que antes e acrescentaram que estudantes de intercâmbio já têm níveis mais altos de identificação e comprometimento social do que indivíduos sem planos. Alunos de intercâmbio antigos e futuros incluíram o grupo de acolhimento de forma semelhante no autoconceito evidência de autoestereotipagem. Essa inclusão foi mais forte do que para o grupo controle. Assim, os estudos fornecem evidência clara do impacto da experiência de intercâmbio na identificação social e compromisso.

Binder, Zagefka, Holloway, Brown, Funke, Kessler e Mummendey (2009) examinaram o preconceito de forma longitudinal, juntamente com a ansiedade intergrupo e tipicidade de amigos de grupo externo. Os autores apontam que suas descobertas apoiam e ampliam as pesquisas existentes sobre os efeitos de amizade outgroup de várias maneiras. Efeitos longitudinais surgiram para ambos: contato de amizade sobre preconceito e preconceito em contato, usando duas medidas diferentes de preconceito. Também encontraram apoio para mediação longitudinal e efeitos de moderação. Os efeitos de contato foram fortalecidos se os amigos de grupo externo

eram vistos como altamente típico do seu grupo. Além disso, os efeitos de contato foram parcialmente mediados pela ansiedade intergrupais. Membros da maioria mostraram efeitos de contato mais fortes do que membros de minorias étnicas, para quem tais efeitos foram, na verdade, inexistentes. Qualidade bem como quantidade de contato (amizade) tiveram uma influência benéfica ao longo do tempo sobre duas medidas diferentes de preconceito: o desejo de distância social e emoções intergrupais negativas.

Knifsend e Juvonen realizaram um estudo para investigar antecedentes contextuais (ou seja, colegas e amigos multiétnicos) e correlação (ou seja, atitudes intergrupos) da complexidade da identidade social na sétima série. A complexidade da identidade social refere-se à sobreposição percebida entre os grupos sociais com os quais os jovens se identificam (grupo étnico, religioso, de esporte etc.). Os dados desse estudo foram coletados como parte de um estudo longitudinal de escolas de ensino médio localizadas na Califórnia. Essas escolas foram escolhidas por serem etnicamente diversas. A complexidade da identidade social mediou o vínculo entre amizades, entre etnias e atitudes entre grupos étnicos, mas somente quando os adolescentes tinham uma alta proporção de pares entre etnias na escola. Os resultados deste estudo, destacam a importância de adolescentes frequentarem escolas com alta proporção de pares para o desenvolvimento de grupos amizade intergrupais, identidades sociais complexas e atitudes interétnicas positivas.

Johnson e Aboud (2017) tinham por objetivo testar uma intervenção com livro de figuras que contava a história de amizade entre raças sob duas condições. A intervenção visava facilitar a redução do preconceito racial que crianças de duas faixas etárias (cinco e sete anos) atribuem a adultos que leem o livro (comunicadores) e seu próprio preconceito. As crianças foram aleatoriamente designadas para um comunicador e treinamento de habilidades de reconciliação. Eles ouviram quatro histórias sobre amigos. Os resultados mostraram que a intervenção do livro de histórias foi bem-sucedida em melhorar os relatos das crianças sobre as atitudes dos comunicadores, em relação aos negros no pós-teste. Isso ocorreu porque os alunos da segunda série atribuíram atitudes mais positivas aos comunicadores depois de ouvi-los ler as histórias em comparação com as anteriores. O treinamento em reconciliação apenas parcialmente facilitou a receptividade.

Educação Multicultural para reduzir o preconceito

Garcia e Chun (2016), em seu estudo, investigaram os efeitos de respostas culturalmente práticas de ensino e expectativas dos professores nos resultados acadêmicos de uma amostra predominantemente latina. Os pesquisadores utilizaram as seguintes escalas: Escala de Expectativas de Realização do Aluno; Escala de Ensino Responsivo; Escala de Autoeficácia: as notas dos alunos em inglês, matemática e ciências no período anterior, para identificar caminhos pelos quais os dois aspectos da prática de ensino (ou seja, ensino culturalmente responsivo e expectativas dos professores) levam ao sucesso acadêmico (ou seja, autoeficácia e desempenho acadêmico) entre adolescentes de minorias étnicas/raciais. Os resultados apontam que, quando os professores

têm grandes expectativas e usam diversos métodos de ensino, estudantes latinos tendem a ter crenças positivas sobre suas capacidades para desempenho acadêmico e realizam melhor as tarefas. Isso implica dizer que, utilizando diversos métodos de ensino, os professores provavelmente ajudam os alunos a se envolver em seu aprendizado e internalizar crenças sobre sua capacidade de ter sucesso na escola. No entanto, o estudo não mostrou o efeito positivo da prática de ensino de envolvimento cultural, isto é, integrar os alunos em valores e práticas culturais, nas atividades da sala de aula, não teve efeito na autoeficácia ou desempenho acadêmico dos alunos. Significa dizer que, nesse estudo, as estratégias de ensino, que integram aspectos multiculturais na instrução e nas atividades de aprendizado, parecem permanecer subdesenvolvidas, não apresentando resultado sobre as autoeficácia e/ou desempenho acadêmico.

Schwarzenthal, Schachner, Van de Vijver, Juang (2018) analisaram como a diversidade cultural normas/clima na escola está relacionada com resultados intergrupais entre estudantes imigrantes e não imigrantes na Alemanha. O estudo mostra que a aprendizagem sobre outras culturas na escola, incorporando a cultura a fundo no currículo, e promovendo a apreciação por diversas perspectivas e pessoas (pluralismo cultural) podem ter efeitos positivos na orientação de grupos de alunos, isto é, educação multicultural pode fomentar relações intergrupais positivas.

Tadmor, Hong, Chao, Wiruchnipawan, Wang (2012) explorou, em 6 estudos, os efeitos benéficos da experiência multicultural sobre o viés intergrupo e investigou o papel do conhecimento sobre o exogrupo como mecanismo motivacional subjacente a esses efeitos. Nós atribuímos aleatoriamente participantes em uma das três condições: apenas cultura americana, cultura americana-chinesa, ou um grupo de controle, que viu uma apresentação de figuras geométricas. As manipulações experimentais (exposição multicultural) foram adotadas anteriormente por Leung e Chiu (2010) e incluíram uma apresentação de PowerPoint multimídia com fotos, músicas e trailers de filmes que retratam diferentes aspectos de qualquer americano cultura, cultura chinesa ou culturas americanas e chinesas em vários domínios, incluindo arquitetura, decoração de casa, vestuário, culinária, entretenimento, recreação, música, filmes, artes e literatura. Para reforçar a experiência dos participantes, também foi pedido para escrever um ensaio de 5 minutos descrevendo suas impressões da apresentação. Os pesquisadores descobriram que a exposição multicultural levou a uma redução no endosso estereotipado (Estudos 1, 4 e 6), racismo simbólico (Estudo 5) e decisões discriminatórias de contratação (Estudo 2). Os estudos demonstraram ainda que a exposição experimental à experiência multicultural causou uma redução na necessidade de fechamento cognitivo (Estudos 3 e 6). Os efeitos benéficos do multiculturalismo (entendendo multiculturalismo como a soma de todas as experiências indiretas de encontro ou interação com os elementos e/ou membros de culturas estrangeiras), foram encontrados independentemente do grupo alvo de estereótipos (chineses ou americanos-chineses), independente da experiência multicultural, demonstrando a robustez fenômeno. No geral, esses resultados apontam que a experiência multicultural desempenha um papel crítico no aumento da tolerância social por meio de sua relação com processos cognitivos. Esses resultados sugerem que, até mesmo algo tão sutil quanto o reviver de uma experiência multicultural no

laboratório, pode levar pelo menos a reduções temporárias na necessidade de fechamento cognitivo dos participantes.

O caso das intervenções no Brasil

Como é possível verificar na Figura 1, das buscas, na base de dados Scielo, por intervenções realizadas no Brasil, emergiram 45 resultados, nenhum atendeu aos critérios de inclusão. No entanto, foi possível, a partir da leitura dos resumos, perceber a natureza dos estudos que vêm sendo realizado no país e ter uma visão do cenário de pouco desenvolvimento de intervenções realizadas para redução do preconceito nas escolas, principalmente no domínio da psicologia. Revisões recentes chamaram a atenção para o fato de que, embora a lacuna da teoria para a pesquisa esteja diminuindo, a lacuna entre pesquisa e prática ainda é grande (PALUCK; GREEN, 2009). Embora haja uma vasta teorização sobre a temática do racismo, o campo das pesquisas interventivas ainda é desprivilegiado pela pesquisa em psicologia. Quintana (2007) endossa essa assertiva ao dizer que parece ter havido pouco interesse para projetar intervenções ou programas que possam produzir movimento no desenvolvimento da identidade racial-étnica.

De acordo com nossos achados, é possível constatar que a área da educação é a maior responsável por criar, reproduzir e avaliar programas de intervenções que tratam da questão do preconceito racial nas escolas brasileiras. Essas intervenções acontecem principalmente por meio da inserção de conteúdos historiográficos da África e dos Afro-brasileiros nas aulas (vide Tabela 1).

Tabela 1: estudos brasileiros incluídos no banco final.

AUTOR	AREA DE ESTUDO	BREVE DESCRIÇÃO DO CONTEÚDO
MUNANGA, Kabengele. 2015	Educação	Dispõe sobre a importância de uma educação multicultural que enfoque a rica diversidade do Brasil, ao incluir, na formação da cidadania, a história e a cultura de outras raízes formadoras do país. As leis 10 639/03 e 11645/08 que tornam obrigatório o ensino da história do continente africano, dos negros e povos indígenas brasileiros têm essa função reparatória e corretora.
SILVA, Sérgio Florentino da. CALDEIRA, Ademir Donizeti. 2016	Educação	Tem como objetivo analisar o sistema de contagem Guarani e alguns símbolos gráficos das Aldeias Itaty do Morro dos Cavalos e M'Biguaçu. Trata-se, metodologicamente, de um "estudo de caso do tipo etnográfico"
NEIRA, Marcos Garcia. NUNES, Mário Luiz Ferrari. 2011	Educação	Discute as formas pelas quais a cultura, permeada pelas relações de poder, concretiza políticas de identidade e interfere na prática pedagógica do componente. São apresentadas algumas contribuições para que se possa repensar a pedagogia da cultura corporal.
GAZZOTTI, Daniele. LIBERALI,	Educação	Os dados consistem em um episódio de uma situação de lanche entre crianças de dois anos de idade, transcrito multimodalmente, que mostra o

Fernanda. 2014.		desenvolvimento multicultural dessas crianças, pela maneira como elas lidam com a resolução de um conflito.
LISBÔA, Flávia Marinho. 2017.	Educação	O principal objetivo desse estudo foi avaliar os efeitos de um programa de treino de escrita inventada na aprendizagem de habilidades iniciais de alfabetização, em crianças pré-escolares, falantes de língua portuguesa.
SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. BONIN, Lara Tatiana. RIPPOLL, Daniela. 2010.	Educação	O objetivo do estudo é analisar como esses paratextos ensinam e buscam influenciar condutas e atitudes em relação à diferença.
DELMONDEZ, Polianne. PULINO, Lucia Helena CAVASIN Zabotto. 2014.	Educação	Analisa a educação escolar indígena, mediante as concepções de identidade e de diferença, para traçar uma compreensão sobre como as políticas multiculturais de educação vêm sendo concebidas e praticadas historicamente no Brasil.
MIZRAHI, Saul Eliahú. CANEN, Alberto G. 2012.	Educação	Apresenta os fundamentos para a construção de uma proposta de gestão estratégica para escolas de Ensino Básico com princípios do <i>Balanced Scorecard</i> em uma abordagem multicultural
BOTLER, Ana Miriam H. 2012.	Educação	A pesquisa analisou as implicações das políticas multiculturais na educação e na escola, bem como as concepções e experiências relacionadas.
BAMPI, Lisete. 2011.	Educação	Analisa como o governo do multiculturalismo realiza-se pelo funcionamento das tecnologias do eu - reflexivo, sentimental, cidadão e livre -, operadas pelo dispositivo etnomatemático.

Seis dos dez artigos encontrados por meio da busca, revelam também que há maior empenho em fazer uma análise de intervenções já existentes nas escolas (ver SILVA; CALDEIRA, 2016; LISBÔA, 2017; SILVEIRA; BONIN; RIPPOLL, 2010; DELMONDEZ; PULINO; CAVASIN, 2014; BOTLER, 2012; BAMPI, 2011) do que na proposição de ações, uma vez que, desde 2003, por meio da Lei de nº 3.639/03, tornou-se obrigatório o ensino da história e cultura Afro-brasileira e Indígena. Há uma crença de que as escolas já realizam atividades necessárias para redução do preconceito. Assim, as pesquisas tratam de avaliar ações que são desenvolvidas no âmbito da Lei.

CONCLUSÕES

A presente revisão teve por objetivo identificar quais intervenções vêm sendo realizadas nas escolas para diminuir o preconceito racial, em nível nacional e internacional, nos últimos dez anos. Foram realizadas uma revisão sistemática da literatura, por meio de um levantamento nas bases de dados de artigos científicos do *Journal of Personality and Social Psychology*, *European Journal of Social Psychology*, *Scielo* e *PsycINFO*. Das buscas, retornaram 282 artigos que tiveram seus resumos lidos e categorizados dentro dos critérios de inclusão e exclusão, passando a 20 artigos que foram integralmente lidos para uma análise mais cuidadosa e mais 12 artigos foram excluídos. Artigos que

não apareceram nas buscas, mas eram conhecidos foram adicionados, assim, 12 artigos formaram esta revisão. Os resultados apresentaram três tipos de respostas para redução de preconceito: estudos que testam a teoria do contato de Allport (1954), Educação Multicultural e as especificidades dos estudos brasileiros.

A teoria do contato foi amplamente desenvolvida e aparece como principal aporte teórico para redução do preconceito; dos 10 estudos analisados, seis testavam a eficácia do contato. Dentre os estudos destacamos: mudanças no autoconceito resultante de um ano de troca e de contato com grupos étnicos diversificados (SASSENBERG; MATSCHKE, 2010); contato entre grupos leva os membros do grupo da sociedade receptora a apoiar tanto adoção cultural quanto manutenção da sua própria cultural (HÄSSLER et al., 2018); qualidade, bem como quantidade de contato de amizade intergrupais, teve uma influência benéfica ao longo do tempo (BINDER et al., 2009).

A segunda alternativa para redução do preconceito apresentada pelos estudos analisados, nesta revisão, é a educação multicultural, isto é, uma educação que seja voltada para a inclusão da diversidade cultural no cotidiano pedagógico (CANEN, 2000). Dentre os estudos destacamos: o realizado por Tadmor, Hong, Chao, Wiruchnipawan, Wang (2012), cujo resultado aponta que a experiência multicultural aumenta a tolerância social; e, Schwarzenhal, Schachner, Van de Vijver, Juang (2018) nos quais os estudos revelaram que a educação multicultural pode fomentar relações intergrupais positivas.

Esse padrão de análise trazendo a teoria do contato e ênfase no multiculturalismo caracterizou os estudos estrangeiros, nos quais o uso das teorias da psicologia social foram percebidos.

No Brasil, os estudos, que emergiram das buscas, foram realizados exclusivamente por atores educacionais e que, majoritariamente, avaliam intervenções já existentes nos currículos escolares, apontando para um possível desinteresse de pesquisadores da área da psicologia para propor intervenções para redução do preconceito racial nas escolas. No entanto, a discussão sobre a obrigatoriedade da atuação da psicóloga (o) na escola é recente, ainda se encontra em fase de debate, na esfera legislativa, para que se torne obrigatória a presença das psicólogas (os) nas escolas de ensino públicas e privadas. Esta medida pode transformar a realidade, já que aproximará psicólogos da vida cotidiana da escola.

Um importante resultado desta revisão diz respeito aos poucos estudos sobre interventivos no Brasil. A totalidade destes estudos se concentram na área da educação, com pouca ou nenhuma fundamentação na área da psicologia, psicologia social ou ciências sociais, campos que tradicionalmente pesquisam o tema do preconceito e racismo no Brasil. Resultado semelhante ao encontrado na revisão sistemática realizada por Carvalho e França (2019), com objetivo de verificar as ações de enfrentamento ao racismo. As autoras encontraram, dentre os 20 artigos que se referiam a estratégias de enfrentamento ao racismo, apenas quatro pesquisas em que a direção era o aluno, e destas, apenas uma tratava das crianças da educação infantil. Concluindo,

portanto, que, no Brasil, há pouca produção acerca de questões étnico-raciais, principalmente para a educação infantil.

Tendo em mente as resoluções da Lei 3639/2003, que tornaram obrigatório o ensino de história e cultura Afro-brasileira e Africana, é de se inferir que essas ações estão acontecendo, mas sem registro de organização e publicação científica, ocorrendo de forma isolada, idealizadas e realizadas por agentes educacionais específicos.

O presente estudo cumpriu seu objetivo de coletar, de forma sistemática, artigos que apresentam intervenções para redução do preconceito, publicados em revistas de psicologia e importantes bases de dados e que expuseram a eficácia destas intervenções. Os resultados apontam para a necessidade de que a Psicologia, especialmente a Psicologia Social brasileira, comece a se mobilizar no sentido de construir métodos e instrumentos interventivos para redução do preconceito.

As limitações de escrever uma revisão sistemática no campo da psicologia passam por uma questão que é comum nas ciências sociais e humanas: não há uma tradição na utilização de palavras-chave indexadas (como, redução de preconceito ou relações interétnicas ou programas de intervenção, no caso deste estudo) nem na construção de resumos uniformes, o que pode ter influência sobre os resultados. Isto expõe a necessidade de coordenar nossas pesquisas com palavras-chave comuns (COSTA; ZOLTOWSK, 2018; ABOUD, 2012), considerando a relevância de revisões que organizem os conhecimentos já produzidos.

REFERÊNCIAS

ABOUD, F.E., TREDoux, C. TROPPO, L.R. BROWN, C.S. NIENS, U., NOOR, N.M. Interventions to reduce prejudice and enhance inclusion and respect for ethnic differences in early childhood: A systematic review. *Developmental Review Volume 32, Issue 4*, December 2012, Pages 307-336.

ABOUD, F.E. Health psychology in a global perspective. Sage Publications, Inc. 1998. <https://doi.org/10.4135/9781483345499>

ALLPORT, G.W. *The Nature of Prejudice*. Cambridge, MA: Addison Wesley, 1954.

AYDOGAN, F.A., GONSALKORALE, K. Breaking down a barrier: increasing perceived out-group knowledge reduces negative expectancies about intergroup interaction. Accepted: 22 January 2015 <http://dx.doi.org/10.1002/ejsp.2107>.

BAMPI, L. De que é capaz o eu-multicultural? *Debates & Polêmicas. Educ. Soc.* 32 (114), 2011. Mar 2011. Doi: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302011000100014>

BINDER, J., ZAGEFKA, H.; BROWN, R., FUNKE, F., KESSLER, T., MUMMENDEY, A.; MAQUIL, A.; DEMOULIN, S., LEYENS, J-P. Does contact reduce prejudice or does prejudice reduce contact? A longitudinal test of the contact hypothesis among majority and minority groups in three european countries. *Journal of Personality and Social Psychology*, Vol. 96, No. 4, 843-856, 2009.

BOTLER, A.M.H. Repercussões das políticas multiculturais na educação. Análise das Práticas Pedagógicas. *Educ. Soc.* 33 (119). Jun 2012. Doi: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302012000200014>

CABECINHAS, R. Preto e Branco – A naturalização da discriminação racial. Porto: Campo das Letras. *Comunicação E Sociedade*, 14, 98-101, 2007. [https://doi.org/10.17231/comsoc.14\(2008\).1080](https://doi.org/10.17231/comsoc.14(2008).1080)

CANEN, A. Educação multicultural, identidade nacional e pluralidade cultural: tensões e implicações curriculares. *Cad. Pesqui. n. 111*. São Paulo, Dec. 2000. <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-15742000000300007>

CARVALHO, D.M.S.; FRANÇA, D.X. Estratégias de enfrentamento do racismo na escola: uma revisão integrativa. *Educação & Formação*, v. 4 n. 12 set/dez, 2019.

COELHO, W. N. B. Igualdade e diferença na escola: um desafio à formação de professores. *Cronos*, Natal-RN, v. 7, n. 2, p. 303-309, jul./dez. 2006.

DELMONDEZ, P.; PULINO, L.H. CAVAZIN, Z. Sobre identidade e diferença no contexto da educação escolar indígena. *Psicologia & Sociologia*, Belo Horizonte, v. 26, n. 3, p. 632-641, set./dez. 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822014000300012>.

FERNANDES, F. Heteronomia racial na sociedade de classes. In: _____. *A integração do negro na sociedade de classes*. Volume 1 – O legado da “raça branca”. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1965, p. 191-261.

FRANÇA, D.X.; MONTEIRO, M.B. A expressão das formas indirectas de racismo na infância. *Análise Psicológica* (2004), 4 (XXII): 705-720.

GARCIA, C.; CHUN, H. (2016). Culturally responsive teaching and teacher expectations for latino middle school students. *Journal of Latina/o Psychology*, 4 (3), 173-187. <https://doi.org/10.1037/lat0000061>

GOMES, N.L. Educação e Identidade Negra. *Aletria: Revista de Estudos de Literatura*. (2002).

HÄSSLER, T.; GONZÁLEZ, R.; LAY, S.; LICKEL, B.; ZAGEFKA, H.; TROPP, L. R.; BROWN, R.; ASTUDILLO, J. M.; BERNARDINO, M. With a little help from our friends: The impact of cross-group friendship on acculturation preferences. *European Journal of Social Psychology*, 2018. doi:10.1002/ejsp.2383

HEWSTONE, M. LOLLLOT, S. SWART, H. MYERS E. VOCI, A. RAMIAH, A. A. CAIRNS, E. Intergroup Contact and Intergroup Conflict. *Peace and Conflict: Journal of Peace Psychology* © 2014 American Psychological Association 2014, Vol. 20, No. 1, 39–53.

HUGHES, D., RODRIGUEZ, J., SMITH, E. P., JOHNSON, D. J., STEVENSON, H. C., & SPICER, P. Parents' ethnic-racial socialization practices: A review of research and directions for future study. *Developmental Psychology*, 42(5), 747 – 770, 2006. <http://dx.doi.org/10.1037/0012-1649.42.5.747>

JOHNSON, F.J, ABOUD, F.E. Evaluation of an intervention using cross-race friend storybooks to reduce prejudice among majority race young children. *Early Childhood Research Quarterly* 40 (2017) 110–122.

KNIFSEND, C.A.; JUVONEN, J. Social Complexity, Cross-Ethnic Friendships, and Intergroup Attitudes in Urban Middle Schools. *Child Development*, Volume 85, Edição 2, 2013. <https://doi.org/10.1111/cdev.12157>

LIMA, M.E.O.; VALA, J. (2004). As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. *Estudos de Psicologia*, 2004, 9(3), 401-411.

LISBÔA, F.M. Interculturalidade, letramento e alternância como fundamentos para a educação indígena. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, SP, v. 56, n. 2, p. 669–688, 2017.

MIZRAHI, S.E.; CANEN, A.G. Gestão estratégica multicultural baseada no Balanced Scorecard em instituições de ensino. *Ensaio: aval. pol. públ. Educ.*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 74, p. 27-50, jan./mar. 2012.

MONTEIRO, M.B. A construção da exclusão social nas relações interétnicas. Orientações teóricas e de investigação na perspectiva do desenvolvimento. *Psicologia*, Vol. XVI (2). 2002, pp. 271-292.

MOREIRA-PRIMO, U. S.; FRANÇA, D. X. Efeitos do racismo na trajetória escolar de crianças: uma revisão sistemática. *Debates em educação*. – Maceió, v. 12, n.26, p.176-198, Jan/Abr, 2020a. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/8403>

MOREIRA-PRIMO, U.S.; FRANÇA, D.X. Experiências de racismo em crianças: o que acontece no cotidiano escolar? *Revista UNIABEU*, v. 13, n. 33, 2020b. DOI: 10.46375/uniabeu.v13n33.3980

MUNANGA, K. Por que ensinar a história da África e do negro no Brasil de hoje? *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 62, p. 20–31, dez. 2015.

NEIRA, M.G. NUNES, M.L.F. Contribuições dos estudos culturais para o currículo da educação física. Artigos Originais. *Rev. Bras. Ciênc. Esporte*, 33 (3). Set 2011. Doi: <https://doi.org/10.1590/S0101-32892011000300010>

PEREIRA, C.R.; TORRES, A.R.R.; ALMEIDA, S.T. Um Estudo do Preconceito na Perspectiva das Representações Sociais: Análise da Influência de um Discurso Justificador da Discriminação no Preconceito Racial. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16 (1), 95–107, 2003. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722003000100010>

QUINTANA, S.M. Racial and ethnic identity: development and research perspectives. *Journal of Counseling Psychology*, 54 (3), 259–270, 2007. <https://doi.org/10.1037/0022-0167.54.3.259>

- SANTOS, J.; FRANÇA, D.X.; MOREIRA-PRIMO, U.S. Socialização de Étnica de Professores. p. 173-196 In. LIMA, M.E.O.; FRANÇA, D.X.; FREITAG, M.K. *Processos Psicossociais de Exclusão Social*. Brucher Open Acess, 2020.
- SASSENBERG, K.; MATSCHKE, C. The impact of Exchange the programs on integration of the hostgroup into the &self-concept. *European Journal of Social Psychology*, 40 (1), 148–159, 2010.
- SCHWARZENTHAL, M.; SCHACHNER, M.K.; VAN DE VIJVER, F.JR.; JUANG, L.P. Equal but different: effects of equality/inclusion and cultural pluralism on intergroup outcomes in multiethnic classrooms *Cultur Divers Ethnic Minor Psychol*. Abril de 2018; 24 (2): 260-271. doi: 10.1037 / cdp0000173.
- SENOS, J. Identidade social, autoestima e resultados Escolares. *Análise Psicológica*, v.15 n.1, 1997. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.12/5673>
- SILVA, S. F.; CALDEIRA, A.D. Etnomatemática do Sistema de Contagem Guarani das Aldeias Itaty, do Morro dos Cavalos, e M'Biguaçu. *Bolema*, 30 (56). Sep-Dec 2016. Doi: <https://doi.org/10.1590/1980-4415v30n56a08>
- SILVA, R.; TOBIAS, J.S. A educação para as relações étnico-raciais e os estudos sobre racismo no Brasil. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 65, p. 177- 199, dez. 2016. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901x.v0i65p177-199>
- SILVEIRA, R.M.H.; BONIN, T.I.; RIPOLL, D. Ensinando sobre a diferença na literatura para crianças: paratextos, discurso científico e discurso multicultural. *Rev. Bras. Educ.* vol.15 no.43 Rio de Janeiro, jan./abr. 2010.
- TADMOR, C.T.; HONG, Y.Y.; CHAO, M.M.; WIRUCHNIPAWAN, F.; WANG, W. Multicultural experiences reduce intergroup bias through epistemic unfreezing. *Journal Personaty Social Psychology*. Novembro de 2012; 103 (5): 750-72. doi: 10.1037/a0029719
- VEZZALI, L.; TURNER, R.; CAPOZZA, D.; TRIFILETTI, E. (2018) Does intergroup contact affect personality? A longitudinal study on the bidirectional relationship between intergroup contact and personality traits. *European Journal of Social Psychology*, 48 159–173 Copyright © 2017 JohnWiley & Sons, Ltd.

DALILA XAVIER DE FRANÇA

<https://orcid.org/0000-0002-0431-3034>

Doutora em Psicologia pela UFPB. Professora do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Sergipe – UFS. Coordenadora do Grupo de Pesquisa em Socialização das Atitudes Intergrupais e Racismo (CNPq).

E-mail: dalilafranca@uol.com.br

JOANA DOS SANTOS

<https://orcid.org/0000-0002-7780-4432>

Psicóloga, Doutoranda e Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Sergipe.